

Insulto a Razão



CORDEL DOS ALOCADOS

**Minha gente preste atenção
Na história que vou contar
Vou falar de uns alocados
Que não querem se calar
E por um cordel democrático
Resolveram se manifestar.**

**Tudo isso começou
Logo após a eleição
Um sujeito boa praça
Prometeu “revolução”
“Vou cuidar de toda gente”
Mais saúde e educação.**

A cidade toda em festa
Deu apoio ao candidato
Mas após a eleição
Mostrou quem era de fato
Só discurso e pouca ação
Foi decepção no ato.

Para a educação chamou
Um com dois cargos afinal
Prometeu muitas mudanças
Até na escola integral
“Não quero dois professores”
Redução do pessoal.

Sua “democracia” enfim
Resolveu lavar para escola
Para que todos os ouvissem
Chamou - o de “Papo escola”
Os amigos concordaram
Confiança? Vou na “cola”!

Nesse ponto os alocados
Preocupados com a educação
Reuniram no sindicato
Procurando uma solução
Foi criada a comissão
No fórum da educação.

Mas para a surpresa de todos
Chegou uma notícia a jato
“Dois cargos já é demais”
Vou deixar um deles no ato
“Vou sair da educação”
“E deixar um Doutor nato”.

O Doutor quando assumiu
Já marcou reunião
Falou desse legado
Um planeta educação!
Mas nós, os alocados.
Não queremos enrolação.

Fica aqui nosso recado
Pra quem nos acham alocados
Somos um grupo bem maior
Não ficaremos calados
E por meio desse cordel
Estamos dando alguns recados.

INSULTO A RAZÃO

Não sou poeta, apenas insano
Perdão gênios se os profano.
Do acorde da poesia, acordei humano.
Destile o néctar sem cor
Colorido racional sem sabor.
Pensar sem sonhar
É a busca casta da dor.
A rima expulsa com repulsa a razão
Degusta sem pudores, sabores da emoção!

O incômodo zumbir do mosquito
É suave no verso transcrito
Parece despretensão
É recheada de inspiração.
Arte de mão feminina
Talento desta linda menina
Cecília é de fases por certo
No incerto voo do inseto
Traça letras do alfabeto!

É inocente a relação
Criança e seu negro cão
Tragédia é argumento...
Sugestão De cada mês extrai melodia
Faz do ano pura poesia.
Bilac parnasia com esmero
Da flor do Lácio,
Colhe a joia que quero
Sem sequer me conhecer
Muito antes d'eu nascer
O sacrifício de Plutão
Fez minha história anteceder!
Outrora saudade demais

Da aurora da minha vida
Dribla o tempo
Deixa a velhice aturdida
Quem não voltou a ser criança
Quando Abreu trouxe a lembrança
Da sua infância querida...
Eis para o adulto alento
Foge por um momento
E mesmo sem saber
Oito anos parece ter.

Fria caixa de imagem

Que cega a beleza da visão

Grita e anuncia a toda nação:

“Meninos, eu vi!”

Pena que o guerreiro tupi

Padece sem honra e sem glória

Calado...

Morre também, o Timbira da
história

Dias d'outrora, n'outroDias plagiado

Ouve agora o insulto fraudado “

Juca Pirama foi assassinado!”

Na aridez desértica, não é o sol que
queima

Tão pouco a sede que a seca teima
É um pássaro que gorjeia inspirado
É verso de Camões reencarnado
É mágico encanto: Patativa do
Assaré! Da mão calejada no casebre
de sapé Versos simples ecoam no
sertão

Alegoria de pescador é político
ladrão.

A crueldade da ganancia
Sepulta o lavrador na ignorância
A cova nem rasa nem funda
Abriga o pouco defunto
Que é motivo de muito assunto
Mas este zumbi social
Morre e vive na trama de Cabral.
É erosão no latifúndio moral
Como pode sem terra morrer
Severino
Neste país continental.

E o mais carioca dos mineiros
Cede a pedra a este pedreiro
Agora é ele a pedra admirando o
mar
É o poeta encantado, poesia a
inspirar.
Ele que tanto amou o luar Apenas
parou de respirar...
É visão que homenageia
Quem pela areia passeia.
Drumont sentado, indaga sem fé:
E agora José?

Vinicius transforma água em vinho
Mas da fonte não bebo sozinho
Mesmo sendo chama, não morra:
Eterna perdure
E a poesia infinita seja:
Para sempre dure.
Redentora arca poética
Em minhas águas navega
Da lógica capital me cega.
Do cruel dilúvio da ignorância
Salva vida e esperança
Alma de poeta...
Imaginação de criança!

A poesia é sanha insana
Saneia com sonhos a inocência
De tola subserviência
Refém e escrava do real...
Tola a consciência.
O véu lúcido da razão
É a mais torpe escuridão
Sentencia: Morte a imaginação!
Mas com o sol da poesia
Renasce o lúdico a cada dia
E desta mágica, a vida é magia:
Morrer...
É não viver fantasia!

